

## CORPOS NA CIDADE

### ESPORTE E BELEZA EM SÃO PAULO NOS ANOS VINTE\*

*Mônica Raisa Schpun*

A cultura urbana de São Paulo nos anos vinte aparece extremamente marcada pela introdução de novas formas de sociabilidade coletiva e novos equipamentos de lazer. A mudança dos ritmos, introduzindo, além da velocidade, a simultaneidade e a fragmentação quotidiana do tempo, está intimamente ligada ao aumento brusco da população, à presença inédita da multidão no espaço urbano.

Os eventos esportivos estão tomando uma dimensão central na vida urbana. Eles fazem parte de um processo generalizado de difusão e de organização da prática esportiva. Carregadas de idéias de competição, de jogo, de combate, as práticas esportivas adequam-se antes de tudo à socialização masculina, à formação do cidadão viril. A experiência corporal feminina será marcada pela difusão dos ritos e das práticas da beleza, cada vez mais acessíveis e indispensáveis à identidade pública das cidadãs. Sair na rua, fazer-se presente no espaço urbano se acompanha de toda uma série de disciplinas. A cidade não é um espaço neutro nem misto, cuja dinâmica institui – e é instituída por – assimetrias fortes entre homens e mulheres.

---

\* Versão em português de «Bodies in the city: sports and beauty in São Paulo of the 20's». In: HERNANDEZ-RODRIGUEZ, Rafael e PAO, Maria Theresa (org.). *Out of the Ivory Tower: Literary Avant-Garde in Latin America and Spain*, Newark, Juan de la Cuesta, 2002, pp. 27-48. Este texto faz parte de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida em minha tese de doutorado, sobre relações de gênero em São Paulo nos anos vinte. Uma versão adaptada e reduzida desta tese foi publicada na França: *Les Années folles à São Paulo: hommes et femmes au temps de l'explosion urbaine (1920-1929)*, IHEAL/l'Harmattan, 1997, prefácio: Michelle Perrot; uma outra, parcial, existe em português: *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*, SENAC/Boitempo, 1999, prefácio: Michelle Perrot.

Em consequência de uma política imigratória que, visando a manter baixas as despesas com mão-de-obra, estimula a entrada de um excesso de efetivos; mas também em consequência de uma grande mobilidade desses imigrantes, originalmente dirigidos para a cafeicultura, em expansão no Estado, a cidade de São Paulo vive, na virada do século, um processo extremamente rápido e violento de aumento populacional, como podemos observar no quadro abaixo.

Ano	População	Progressão (%)	Taxa anual (%)
1872	31.385	—	—
1890	64.934	107	4,1
1900	239.820	269	14,0
1920	579.033	141	4,5
1940	1.326.261	129	4,2

Fonte: IBGE, *Anuário estatístico*, 1971, p. 42.

Os anos vinte são um momento particular na história da cidade, tanto do ponto de vista social, cultural, político, como especificamente urbano, de grandes transformações paisagísticas, físicas e simbólicas. Trata-se de transformações ligadas às formas de organização, de ocupação, de percepção e de leitura do espaço urbano. Todos esses processos, atravessados pelos conflitos mais diversos, fazem, dos anos vinte paulistanos<sup>1</sup>, um verdadeiro laboratório diante do olhar do historiador. Eles concentram, de forma privilegiada, transformações já em marcha anteriormente e que se referem, também, às modalidades pelas quais a modernidade se instala na vida urbana.

Nesse contexto, a cultura urbana que toma forma em São Paulo aparece extremamente marcada pela introdução de novas formas de sociabilidade colectiva e novos equipamentos de lazer. Em relação à história da cidade, uma das rupturas mais profundamente ressentidas pelas testemunhas da época refere-se à imposição de novos ritmos de vida. Esta mudança dos ritmos, introduzindo, além da velocidade, a simultaneidade e a fragmentação quotidiana do tempo, está intimamente ligada ao aumento brusco da população, à presença inédita da multidão no espaço urbano. Não se vive somente mais rápido, não se vive somente mais coisas de cada vez: também se vive colectivamente, ao mesmo tempo que um número cada vez maior de indivíduos.

<sup>1</sup> Os termos «paulistano» e «paulistana» referem-se à cidade de São Paulo e a seus habitantes. Para referir-se ao estado do mesmo nome emprega-se o termo «paulista (s)».

Os eventos públicos organizam-se de modo a que todos usufruam dos mesmos espaços, com as mesmas emoções, no mesmo momento. A multiplicidade e a fragmentação dos estímulos e dos instantes não existe sem a invenção de situações de unificação e de reunião da experiência urbana coletiva. Assim, tempo e espaço canalizam, em conjunto, as intensas exigências da vida moderna. Estas transformações urbanas, chamando a população a ocupar colectivamente o espaço público, trazem consequências especificamente físicas sobre o corpo de cada indivíduo, isolado ou misturado à multidão.

Face a essas novas modalidades de ocupação física da cidade, se tentarmos discernir a existência de códigos sexuados, veremos desenhar-se a imagem de uma realidade nada homogênea. Nesse sentido, examinarei a seguir novas práticas e novos discursos que definem, instituem, disciplinam e separam as experiências corporais masculina e feminina, bem como o imaginário social que as envolve. Como pano de fundo, tem-se a nova cena paulistana, onde se instalam novas formas de definição da cidadania, marcadas pela vida urbana.

Concentrando minhas reflexões nas elites urbanas, passarei em revista, num primeiro momento, algumas das práticas esportivas mais tratadas pelas fontes da época. O esporte é um elemento fundamental na constituição das identidades coletivas masculinas. As aglomerações de torcedores, a paixão pelo esporte, assim como a prática de diferentes modalidades, são formas privilegiadas de expressão social da masculinidade. As mulheres ocupam aí um espaço menor e menos «natural». Sua presença mais rara nos estádios, pistas, quadras e piscinas obedece a códigos sexuados precisos que serão examinados ao longo do texto.

Num segundo momento, tratando das práticas especificamente femininas da nova cultura corporal urbana, abordarei as questões ligadas à apresentação física e à beleza. Saindo mais, as mulheres das camadas dominantes são as mais novas personagens da cena urbana<sup>2</sup>. Isso requer um aprendizado, uma pedagogia da exibição pública de si. Trata-se não somente de códigos sexuados, que visam regular os contatos sexuais em espaços mistos, mas também de formas de distinção e de afirmação das identidades sociais. Pois uma mulher de elite deve sempre marcar sua distância, sua diferença essencial face àqueles e àquelas, cada vez mais

<sup>2</sup> Sabemos, graças a trabalhos já existentes, que as mulheres das camadas populares ocupam o espaço da cidade desde muito tempo. Neste caso, o processo é quase oposto: o crescimento urbano acompanha-se de medidas administrativas e policiais de exclusão, ou ao menos de limitação desta presença no espaço público. Ver, sobre a questão, Maria Odila Leite da Silva Dias, *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, São Paulo, Brasiliense, 1984.

numerosos, com os quais divide, no espaço público da cidade, lugares e momentos e situações.

A questão das formas sexuadas de sociabilidade urbana atravessa todo o texto, mostrando as relações existentes entre as práticas corporais examinadas e as modalidades de ocupação do espaço da cidade. Essencialmente regidas por códigos sexuados, tais práticas são responsáveis, ao mesmo tempo, por uma preparação à convivência urbana de homens e mulheres das camadas dominantes e ao estabelecimento e intensificação de fronteiras sociais entre o masculino e o feminino no espaço da cidade. Trata-se, em suma, da instituição de identidades urbanas coletivas e sexuadas.

As fontes utilizadas, variadas, dispersas e lacunares, compõem-se basicamente de textos e imagens da imprensa feminina, de variedades e esportiva, de registros literários, além das coleções de documentos – escritos e iconográficos – guardadas por alguns clubes da cidade, e de textos médicos fazendo referência à cultura corporal masculina e feminina.

### O sexo do esporte

Na virada do século, os esportes são introduzidos na cidade pela iniciativa dos imigrantes e de alguns representantes da oligarquia em contato com o desenvolvimento esportivo na Europa. O investimento público sendo praticamente nulo, a prática esportiva organizada é, desde o início, restrita às elites e a certos setores das camadas médias<sup>3</sup>. O processo é dominado por uma lógica extremamente elitista. O esporte profissional, especialmente o futebol, que oferecerá mais tarde, a jovens de origem pobre, oportunidades de ascensão social e de prestígio, não existe neste período inicial onde os organizadores dos clubes e das ligas esportivas ainda insistem na manutenção do esporte amador. A partir dos anos trinta, quando a tendência profissionalizante consegue vencer as resistências desta elite, e a instalar-se, os times onde jogavam exclusivamente membros do grupo dominante abandonam a cena pública esportiva, para manter práticas seletas e reservadas. A primazia é dada a uma convivência prazerosa entre iguais, em relação ao gosto puro e simples pelo esporte. Este funciona, então, como eixo importante de distinção social

---

<sup>3</sup> Especialmente a certos grupos de imigrantes de origem urbana que buscam preservar seus hábitos esportivos. É o caso, por exemplo, dos ingleses e dos alemães que organizam times e equipam locais para a prática de esportes a partir do final do século XIX.

garantindo, no interior do grupo, coesão e identidade entre seus membros.

O sucesso econômico do café paulista no mercado internacional e a simultânea crise européia causada pela Primeira Grande Guerra dão às elites de São Paulo, recentemente enriquecidas, e colocadas à frente das decisões políticas e econômicas do país, a nítida impressão de que «o futuro é aqui». Nesse contexto, as novas gerações representam perfeitamente o otimismo reinante e o ufanismo progressista do grupo cafeicultor. Foco de todo um investimento simbólico e pedagógico, a juventude torna-se depositária de esperanças inéditas quanto ao futuro promissor da nação. Assim, as preocupações ligadas à formação física de moças e rapazes são extremamente importantes na época. Trata-se não somente de garantir a existência de jovens fortes, saudáveis e belos, mas também de empregar todos os meios disponíveis para prolongar a tão valorizada juventude dos cidadãos, cartão de visitas nacional. Um editorial publicado pela revista *A Cigarra* ilustra de maneira privilegiada um tal imaginário:

São Paulo é, talvez em todo o mundo, o meio mais propício para a adoção de boas iniciativas, por mais adiantadas que sejam. As idéias novas circulam aqui livremente, e se há pessoas que lhes opõem obstáculos, é porque têm fortes capitais empenhados em explorações ameaçadas de ruína, caso as novas idéias saiam vencedoras. Mas por que São Paulo é tão progressista? Pela simples razão de que aqui não há velhos. É uma cidade de moços e de adolescentes. (...) O predomínio dos anciãos em França explica a razão porque esse país oferece uma tão teimosa resistência a todo progresso<sup>4</sup>.

Paralelamente a essa elevação da juventude a emblema do sucesso social, os discursos que defendem uma maior atenção à forma física dos jovens, com preocupações higiênicas, eugênicas, médicas, morais ou disciplinares, estabelecem uma distinção bem marcada entre as práticas aconselhadas a cada sexo, tendo em conta suas diferentes «naturezas».

As reflexões que tratam da preparação física dos homens, preocupadas com a formação do cidadão «viril», separam, em primeiro lugar, a ginástica das demais modalidades esportivas. Para os homens, ela é recomendada somente durante a infância, a fim de garantir a constituição muscular de base e a aprendizagem da disciplina. Mais tarde, aconselha-se que eles se dirijam a esportes de competição, como o futebol e o atle-

---

<sup>4</sup> *A Cigarra*, primeira quinzena de agosto de 1923, editorial.

tismo, mais adequados ao aprendizado de qualidades ditas masculinas e tidas como fundamentais. É o que diz Ariel, por exemplo:

Entra então o esporte em cena. Está completa a educação física primária do homem e passa ele para a secundária e superior. (...) Nela aprende o adulto a lutar, a vencer e a ser vencido, despertando-lhe a vida esportiva emoções tanto mais valiosas quanto são livres de toda a dosagem rigorosa e precisa e também porque são voluntárias. (...)

Fica esclarecida a questão. Justamente o que à ginástica dá maior valor – a sua dosagem rigorosa e a monótona singeleza dos seus métodos – tornam-na imprópria para a mocidade que quer e vai-se virilizar. E o esporte, condenável para os meninos e adolescentes (...) faz-se então absoluta, imperiosamente necessário, pelas suas duas grandes qualidades – a espontaneidade da ação e a emotividade que por ela se desperta<sup>5</sup>.

Para as mulheres, mesmo se outras atividades são possíveis, a ginástica será sempre indicada. Monótona, repetitiva, contrária à espontaneidade, controladora das «tendências corporais e psíquicas»<sup>6</sup>, ela apresenta algumas vantagens significativas. Prática individual, que não exige obrigatoriamente equipamentos especiais, grandes espaços, ou a companhia de outros praticantes, a ginástica permite ainda às mulheres de se exercitar em casa, sem se afastar do lar, e de conciliar obrigações domésticas e forma física.

Além de se basearem numa percepção essencialmente sexuada das necessidades físicas da juventude, tais discursos, que não cessam de sublinhar características corporais e comportamentais «naturais» a mulheres e homens, distinguem a formação física de moças e rapazes por uma relação de forças. A das mulheres define-se em proporção à dos homens, menor quanto à duração, ao esforço, e quanto à diferenciação das práticas. Para elas, os «passeios» apresentam-se freqüentemente como uma prática não somente recomendável, mas suficiente para as necessidades do trabalho físico esperado. Já a preparação física masculina pertence ao universo cada vez mais normatizado e diferenciado do esporte. Assim, mesmo se a educação física feminina é objeto de muitas referências na imprensa especializada da época, os textos que tratam do tema visam antes de mais nada resolver um problema, desenhar um campo específico de atividades, circunscrever uma particularidade. O caso geral continua sendo «naturalmente» a prática esportiva masculina. Por outro lado, sob

<sup>5</sup> Ariel, «Ginástica e esporte», *Sports*, n° 2, janeiro de 1920, p. 24.

<sup>6</sup> Expressão utilizada pelo instrutor de ginástica do Club Atlético Paulistano, em artigo publicado pela revista do clube em junho de 1926.

essa cobertura do «natural», uma disciplina dos corpos masculinos se impõe: os rapazes parecem ser espontaneamente atraídos pela competição, pelo treinamento físico e pelo desenvolvimento muscular, já que tudo isso reforça neles a virilidade e, por consequência, sua «natureza» máscula.

As práticas discursivas que consistem em sempre definir os corpos femininos em relação aos corpos masculinos, assim como a tendência geral a definir as mulheres pelos seus corpos, mas não os homens, acabam fazendo esquecer, com muita frequência, os investimentos disciplinares que visam estes últimos. Entretanto, afirmar que os rapazes re-encontram sua «natureza» através da prática esportiva pertence a uma construção social e imaginária muito recente. Assim, segundo essa lógica, espera-se que um jovem paulistano siga a atualidade esportiva, participe dos acontecimentos organizados nos estádios, torça para um time de futebol, se preocupe com sua forma física e, sobretudo, pratique esportes. Agindo deste modo, ele exprime ao mesmo tempo a aceitação de sua «natureza» masculina e dos discursos higienistas que clamam pela mobilização de seu corpo em benefício da construção de uma «raça» digna do futuro do país. Ele adapta seu papel de homem às novas demandas sociais. Além disso, tratando-se de um homem de elite, ele adere aos valores modernizantes do grupo, às novas formas urbanas e sofisticadas de sociabilidade que se criam em torno do esporte. Praticadas em clubes privados, e contando com equipamentos esportivos de primeira linha, as modalidades praticadas seguem de perto as novas tendências internacionais.

Quanto à preparação física feminina, um dos objetivos centrais é o da produção de efeitos corporais ditos estéticos. De fato, a cultura dos corpos femininos na época passa sempre por este critério de beleza: a exibição cada vez mais frequente dos corpos das mulheres exige uma disciplina física «civilizadora», no sentido de assegurar que essa visibilidade mais marcada siga códigos sociais de elaboração e gestão da apresentação e do comportamento corporal. Nesse sentido, é sintomática a insistência, nos textos do período, sobre a graça da «locomoção» feminina, elemento que deve ser desenvolvido pela educação física:

Os exercícios, pois, que mais convêm à mulher são aqueles que aumentam a flexibilidade e a destreza da coluna vertebral, isto é, os movimentos que, sujeitos às leis da cadência e do ritmo, se tornam, por assim dizer, a poesia da locomoção.

É que da flexibilidade do tronco e da harmonia dos movimentos depende um dos maiores encantos da mulher: a GRAÇA. A educação

física para moças deve ser, pois, higiênica e estética, e nunca «atlética», visar sobretudo o desenvolvimento da parte inferior do corpo, dar a graça e a destreza dos movimentos, procurando antes a ligeireza do que a força<sup>7</sup>.

Num momento em que o corpo das mulheres desfila mais – ou ao menos prepara-se a isso –, sob o olhar dos homens, nas ruas, lojas e espaços de lazer, é necessário que elas invistam no seu andar, alvo de novas atenções e de novas vigilâncias. E a prática da ginástica é coerente com tais princípios, verdadeiros cânones da feminilidade: se o tronco e os braços devem permanecer finos e frágeis, as pernas e os quadris devem ser mais trabalhados.

Pois a entrada das mulheres da elite no espaço público da cidade é marcada por uma extrema ritualização. Se tal presença cresce e apresenta-se como uma realidade irrefutável e irreversível, ligada ao processo de urbanização, a relação entre as mulheres e o espaço da rua deve ser ainda mediatizada, filtrada por inúmeras regras que buscam, além de limitá-la, controlá-la, organizá-la.

Essa ocupação da praça pública está longe de corresponder à experiência masculina. Um certo embaraço continua existindo, e várias formas de resistência ao fenômeno procuram marcar uma maior intimidade dos homens com a cidade, lembrando incessantemente que as mulheres pertencem antes de mais nada ao espaço privado. Nas situações de consagração coletiva, elas ainda são bem minoritárias, tanto nos eventos esportivos quanto nas comemorações cívicas. As massas urbanas são antes masculinas que mistas.

Apesar disso, mesmo que o acesso aos espaços públicos seja muito desigual, em detrimento das mulheres, se pensarmos no tradicional confinamento destas, torna-se evidente que a realidade se transforma rapidamente. Elas saem mais, tendo cada vez mais alibis para estarem na rua, mesmo se alibis ainda são necessários e mesmo se tais saídas devam ser feitas de preferência em grupo e em horários tidos como convenientes. E tais transformações também envolvem as mulheres da elite, mais vigiadas e confinadas ao espaço privado que as outras.

Inúmeros textos da época trazem homens seduzidos, observando mulheres nas ruas, seguindo-as às vezes. A admiração e o mal-estar que tais textos exprimem, o fato que eles sejam escritos especialmente sobre a questão, desvelam a novidade desta visibilidade pública feminina; o fato

---

<sup>7</sup> Fernando de Azevedo, «Para as mulheres», *Sports*, nº 2, janeiro de 1920, p. 46, seção «Educação física».



que o fenômeno mereça ser sublinhado mostra bem que ele ainda não entrou nos hábitos correntes. Mário de Andrade pintou poeticamente esse tipo de situação:

#### SAMBINHA

Vêm duas costureirinhas pela rua das Palmeiras.  
Afobadas braços dados depressinha  
Bonitas, Senhor! que até dão vontade pros homens da rua.  
As costureirinhas vão explorando perigos...  
Vestido é de seda.  
Roupa-branca é de morim.  
(...)  
Parece que a rua parou pra escutá-las.  
Nem trilhos sapecas  
Jogam mais bondes um pro outro<sup>8</sup>.

Torna-se então compreensível que a maneira pela qual as mulheres se locomovem, assinalada acima, quanto aos objetivos da educação física feminina, seja objeto de verdadeiros investimentos normativos. Os olhares atentos às mulheres que passam debruçam-se mesmo sobre o tecido da roupa de baixo. Andar na rua sem a companhia de um homem ou de uma mulher mais velha é uma situação de aventura, onde as moças expõem-se a «perigos». Este poder do olhar masculino sobre o corpo das mulheres, responsável também pela relação inconfortável destas com o espaço público, implica uma atenção constante sobre o próprio andar, sobre os deslocamentos corporais, um controle de cada movimento para proteger-se dos olhares espreitadores que o seguem, que o examinam.

Se as moças da elite são particularmente expostas às regras que administram suas saídas e às práticas que preparam a exibição pública de seus corpos, o poema acima mostra que, até certo ponto, trata-se de uma realidade que atravessa as classes sociais. A fronteira entre homens e mulheres imprime-se de forma prioritária nas práticas de ocupação do espaço urbano.

Sobre as moças de «boa família», outras tantas referências, sobretudo literárias, mostram as dificuldades que permeiam o processo de aparição pública em questão. Um discurso extremamente moralista rege a maior parte destes registros, positivando a ingenuidade «natural» de uma moça. Mas, acentuando a importância desse processo de passagem à cena

---

<sup>8</sup> Mário de Andrade, «Sambinha», poema de 1924, publicado em *Clã do jabuti. Poesias completas*, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1987, p. 175.

pública, tal ingenuidade torna-se particularmente visível através do profundo embaraço das personagens ao encontrarem-se na rua. Assim, Luz, andando na rua com Liliane, uma prostituta, exprime todo o incômodo de uma mulher que não foi criada para aparecer em público, e que não está para isso preparada, não possuindo os equipamentos necessários. A outra, ao contrário, exerce perfeitamente seu papel de mulher «pública»:

Na rua, vendo o desembaraço com que a companheira caminhava, a pequenos passos, com a cabeça alta, os olhos dominadores, pensou com tristeza que *mademoiselle* Louise tinha razão quando dizia que uma mulher mal vestida sente-se desarmada e fraca, como Sansão sem a cabeleira<sup>9</sup>.

Para além de uma oposição simples entre duas «categorias» de mulheres, o que falta a Luz é justamente a cultura da rua:

E andava no meio da gente entontecida, procurando não mostrar os pés, envergonhando-se do vestido...<sup>10</sup>

Já os registros jornalísticos, especialmente as crônicas da imprensa feminina, constroem-se de forma diversa. Trata-se aqui de exprimir, a qualquer preço, uma transformação no comportamento das mulheres, desembaraçadas de antigos constrangimentos. O acento é dado à modernidade paulistana, à mentalidade cosmopolita e metropolitana de seus – e suas – habitantes:

Sozinha: para as mãos já não faz falta o embrulhinho cúmplice e dissimulador... Já sabe o que fazer com as mãos, que são igualmente adestradas para empunhar a direção de um auto ou para mover-se sobre o teclado de uma máquina de escrever...<sup>11</sup>

Trata-se evidentemente de um esforço em construir uma imagem moderna de cidade e de cidadania. Porém, para o que nos interessa aqui, vale notar que o aspecto da vida social selecionado, como sendo o portador por excelência de uma tal modernidade, é o compartilhamento, entre homens e mulheres, da vida intensa da cidade. Além de desvelar a novidade desta presença feminina no espaço público, que justifica tantos discursos e registros de natureza diversa, o texto acima, pretendendo enter-

<sup>9</sup> Laura Villares, *Vertigem*, São Paulo, Casa Editora Antonio Tisi, 1926, p. 29.

<sup>10</sup> Idem, *ibid.*, p. 30.

<sup>11</sup> *Revista Feminina*, março de 1928.

rá-lo, atesta o verdadeiro embaraço que permeia a visibilidade física das mulheres na rua.

Mas voltemos ao esporte. Voltemos às práticas sociais que visam, antes de mais nada, a preparar esta aparição das mulheres na cidade.

Para dar um último exemplo, a importância dada à «graça», essa preocupação em não afastar o comportamento corporal ou social das mulheres de sua «natureza», são claramente visíveis através da forma dada ao curso de ginástica feminina do Club Atlético Paulistano. Querendo ser completo, o curso oferece às interessadas, além de um instrutor, um pianista, colocado na beira da piscina com seu instrumento, para dar ritmo aos movimentos das mulheres<sup>12</sup>. Enfim, a ginástica é completamente despida de competitividade, de agressividade, de desejo de vitória, ou seja, das emoções constitutivas dos jogos coletivos. Ela não colabora em nada a desenvolver a ambição individual. Elemento fundamental no processo de socialização dos meninos, uma tal característica é completamente desprezada no das meninas.

Buscando a beleza e o ritmo dos gestos e dos movimentos femininos, a ginástica lembra a «dança clássica». O termo, freqüentemente empregado na época (sobretudo pela imprensa esportiva), está ligado às repercussões do sucesso mundial de Isadora Duncan, dançarina que se inspira na Antiguidade grega. A artista triunfa no Brasil, quando se apresenta em 1916; ela encontra aí, como aliás no mundo todo, pessoas prontas a aplicar sua arte.

Infelizmente, não podemos saber exatamente como se desenvolvem as aulas de «dança clássica» em São Paulo. Mas os textos fazem referência ao método aplicado, e as fotos de alunas descalças, vestidas com túnicas, usando pequenas corôas de flores e véus drapeados, nos dão algumas indicações, especialmente no que toca aos princípios da educação corporal dada a essas alunas, enquanto mulheres.

A senhora Rego Cavalcanti, responsável por um curso de «dança clássica» na cidade, define seu método nas páginas da revista *Sports*:

Ao ar livre, pés descalços, leves túnicas que lhes não dificulte os movimentos, ao ritmo simples de músicas sonoras, a mulher desde menina até moça deve expandir-se em movimentos espontâneos, gestos graciosos, atitudes harmoniosas, poses estéticas, revivendo assim essa esplêndida arte que foi a DANÇA CLÁSSICA.

---

<sup>12</sup> A revista do clube publica fotos destes cursos nos exemplares de dezembro de 1928 e março de 1929.

A mulher não necessita músculos de Hércules. Os exercícios de estética, a harmonia das formas, a graça dos movimentos são próprios e característicos da fisiologia feminina. A Dança Clássica é o atletismo da mulher<sup>13</sup>.

Maya, autora de outros textos sobre essa prática, na seção que *Sports* lhe dedica, afirma:

Tudo é natural; muito embora essa naturalidade exija um cuidadoso treino a fim de que, sendo simples, os gestos não sejam por isso menos graciosos e significativos.

Inspirada pela melodia de um ritmo primitivo e cantante, a alma domina os músculos e os nervos, exteriorizando suas mais íntimas sensações. (...)

Em graciosas atitudes o corpo molda-se ao som da música e essa expressão natural dos nossos sentimentos cadenciados pelo ritmo musical é característica da dança grega. (...)

[A dança clássica] é ritmada, sem ser mecânica e automática, e [é] sobretudo verdadeira e vivida e pessoal, porque cada um dos seus intérpretes tem a livre escolha de expressão, traduzindo as suas emoções individuais inspiradas pela mesma melodia<sup>14</sup>.

Uma ambigüidade fundamental permeia esses discursos sobre a «dança clássica»: os movimentos «espontâneos» e «naturais» são na verdade fruto de um treinamento metódico. Isso se deve ao fato de que existe um código de movimentos tidos como belos, harmoniosos e graciosos que se associa, no imaginário social, à expressão «natural» da feminilidade. Daí o caráter obrigatório da «espontaneidade» quando se trata da expressão corporal das alunas, fato que confirma sua identidade sexual feminina.

Estamos diante de práticas sociais extremamente sexuadas. Os discursos sobre o esporte e as formas dadas à atividade física fazem desta última uma situação na qual as diferenças de «natureza» entre homens e

---

<sup>13</sup> Senhora Rego Cavalcanti, «Dança clássica», *Sports*, n° 2, janeiro de 1920, p. 11, que inaugura a seção. Segundo um artigo publicado pela mesma revista, em junho de 1920, a senhora Rego Cavalcanti seria responsável pela introdução dessa técnica no Brasil. Os cursos de dança, precedidos de sessões de ginástica rítmica, são oferecidos pelo Instituto Jaguaribe. Fundado em 1901, esse instituto é um centro de difusão de ginástica sueca, freqüentado pelas elites da cidade. Cf. Inezil Penna Marinho, *História da educação física no Brasil*, São Paulo, Companhia Brasileira Editora, s/d, p. 41.

<sup>14</sup> Maya, «Dança clássica – uma renascença magnífica» e «Dança clássica – eurítmica», *Sports*, n° 4, março/abril de 1920, p. 113 e n° 7, julho de 1920, p. 190.

mulheres tenham a ocasião de se afirmar e de se promover<sup>15</sup>. E os textos sobre a «dança clássica» são explícitos quanto a esse ponto: eles defendem a atividade dizendo tratar-se da conquista de um território esportivo exclusivo às mulheres. Os outros esportes, masculinos, não permitem o desenvolvimento da característica física unanimemente considerada determinante nas mulheres: a «graça».

A última observação sobre a prática da dança ao ar livre refere-se aos princípios higiênicos. Vários textos insistem em salientar a diferença entre essa atividade e as danças de salão, mundanas, praticadas quase sempre à noite, em locais fechados e pouco arejados. Quanto a isso, é verdade que a «dança clássica» não apresenta nenhum risco de contato corporal com os homens e que os mecanismos de sedução são, aí, canalizados pela «harmonia» e pela «graça».

\*

\* \*

Charles Miller, filho de ingleses, nasceu em São Paulo em 1874. Estudando na Inglaterra, ele faz parte da seleção de futebol do condado de Hampshire. Em 1894, está de volta à sua cidade natal e, junto com outros membros da comunidade inglesa funda, em 1898, o São Paulo Athletic Club.

Em 1897, chega a São Paulo o alemão Hans Nobiling, antigo jogador de futebol em Hamburgo. Com a idéia de criar no Novo Mundo um clube de futebol ligado à organização esportiva à qual pertencia, ele traz uma bola, camisas, meias e os estatutos do seu clube. Em 1898, consegue formar uma equipe que treina à noite e nos dias de folga. A primeira partida é jogada contra o Mackenzie College em 1899. O Nobiling Team vai originar, em 1899, dois clubes de futebol: o Sport Club Internacional (com jogadores brasileiros que, tendo estudado na Europa, já conhecem o futebol, e jogadores alemães) e o Germania (reunindo a comunidade alemã).

O brasileiro Antonio Casimiro Costa também contribui à introdução do futebol na cidade. Ele traz da Suíça modelos de estatutos graças aos quais será criada, em 1901, a Liga Paulista de Futebol, da qual será o primeiro presidente. Esse organismo é responsável pela instituição dos campeonatos regulares. Em 1903, São Paulo conta com cinco times principais de futebol: o Athletic Club, o Internacional, o Germania, o Mackenzie e o

---

<sup>15</sup> E isto desde a socialização de meninas e meninos. As fotos das aulas da senhora Rego Cavalcanti mostram alunas bastante jovens.

Paulistano. Outros clubes vêm aumentar a lista e a crescente popularidade desse esporte, já bem desenvolvida na década de vinte<sup>16</sup>.

Além deste futebol bem organizado, com jogadores vindos das elites ou das camadas médias, a paixão irradia-se por toda a cidade. Nos bairros operários, os times treinam em terrenos baldios; os meninos aproveitaram todos os espaços disponíveis para improvisar partidas com bolas de meias, tocos de madeira, etc. Os intervalos das horas de trabalho também são aproveitados para improvisar pequenas partidas<sup>17</sup>. Times mais populares organizam-se, como o Palestra Itália, representativo da comunidade italiana. Seja nos bairros centrais ou periféricos, ricos ou pobres, o futebol torna-se um lazer privilegiado, objeto de uma identificação generalizada que não pára de aumentar.

Numa cidade fortemente marcada pela imigração, com uma aceleração extraordinária do crescimento populacional desde o final do século XIX, o fenômeno de identificação com o futebol participa, antes de mais nada, de um movimento de construção de identidades coletivas. Esse movimento encontra, nas emoções provocadas pelo esporte, um elo bastante forte para reunir, numa mesma paixão, pessoas tendo as origens mais variadas e sofrendo todas dos efeitos do desenraizamento. Quanto a isso, um acontecimento, tirado da vida esportiva da época, constitui-se num exemplo eloqüente: em 1925, Antônio Prado Júnior, cujo nome figura em praticamente todos os organismos de direção e de promoção esportiva, escolhe o time de futebol do seu clube – o Paulistano –, quatro vezes campeão paulista, para representar o Brasil na Europa. Ele organiza a viagem do time e as partidas na França. Dos dez jogos disputados (oito na França, um na Suíça e um em Portugal), o Paulistano ganha nove (perdendo em Sète, na França, de um a zero). Sua volta ao Brasil é celebrada em todos os lugares: o navio pára primeiro em Recife, onde a população já espera os jogadores do «Glorioso» (apelido dado ao time do Paulistano). No Rio, festas oficiais são organizadas para recebê-los: fanfarras militares e cumprimentos pessoais do Presidente da República. Em São Paulo, última etapa da viagem, a cidade praticamente pára na chegada do time. Um cortejo de dois mil carros é organizado para trazer os jogadores até a sede do clube, onde uma recepção oficial os espera, mas a multidão acaba carregando-os em triunfo pela cidade. O jornal *O Estado*

<sup>16</sup> Entre outros, podemos citar o Americano, o Ypiranga, o Corinthians, o São Bento e o Floresta.

<sup>17</sup> Cf. Nicolau Sevchenko, *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, op. cit., pp. 60-61.

de S. Paulo lança então uma campanha para a construção de um monumento público em homenagem ao Paulistano. Não faltarão doações<sup>18</sup>.

As vitórias do Paulistano são vivenciadas como vitórias do país como um todo, como provas do potencial juvenil, renovador e progressista de toda a nação, que chega a ganhar em jogos contra a velha Europa, e sob os olhos dos europeus. Nada mais glorioso, nem mais útil para afirmar um projeto de construção da identidade nacional. E, tendo em vista o contexto urbano de São Paulo, foco de novos investimentos disciplinares, visando instituir identidades coletivas, não é por acaso que o time responsável por toda essa emoção coletiva seja paulistano, e mesmo «o» Paulistano.

Entretanto, nem a prática esportiva nos campos, nem esses momentos de efusão coletiva provocados pelo futebol são igualmente vividos por todos. Não participando da mesma forma que os homens da vida pública paulistana, as mulheres são totalmente excluídas da prática do futebol, assim como de outros esportes, e aparecem em número extremamente reduzido nos eventos coletivos que envolvem tais atividades. Basta observar as inúmeras fotos que focalizam o público dos jogos de futebol, por exemplo, para constatá-lo: este é composto de uma esmagadora maioria de homens. As manifestações coletivas nas ruas da cidade, como a da recepção dos jogadores do Paulistano, também são vividas quase exclusivamente pelos homens (talvez ainda mais que os jogos). Nos dois tipos de eventos reinam o barulho, o contato dos corpos, a emoção, os gritos. As mulheres são mantidas à margem desses momentos de consagração coletiva.

Se a sociabilidade feminina estabelece-se prioritariamente em espaços privados; se a presença das mulheres no espaço da cidade é limitada, filtrada, ritualizada, a dos homens aparece como natural. Mais uma vez, inúmeros são os registros discursivos, literários, jornalísticos e outros. Aqui, os textos memorialísticos apresentam um interesse particular, exprimindo com eloquência a relação prazerosa dos homens do período com o espaço paulistano.

Cícero Marques esboça um quadro preciso sobre a questão<sup>19</sup>. Ele evoca principalmente os jovens estudantes da Faculdade de Direito e seus hábitos boêmios, descrevendo os lazes e os locais de freqüência diurna e noturna das diferentes turmas, as preferências em termos de horários, além de algumas situações específicas de sociabilidade grupal. Na lista exaustiva dos hábitos e formas de lazer desta parcela jovem da elite, os únicos nomes de mulheres que aparecem são os das artistas de cabaré e prostitutas de luxo. Em alguns salões de chá ou cafés, as famílias

<sup>18</sup> Esse monumento existe ainda hoje, perto da sede do clube.

<sup>19</sup> Em *Tempos passados*, São Paulo, Moema Editora Ltda., 1942.

se reúnem também, mas em horários precisos. Fora destes, os encontros informais dos *habitués*, em bares e outras casas noturnas, as trocas de informação, as reuniões entre amigos, etc., tudo se passa exclusivamente entre homens. A população masculina ocupa a cidade e seus pontos de animação explorando, entre homens, suas redes de sociabilidade. Cícero Marques insiste ainda sobre os pontos e as formas de lazer masculinos que facilitam a constituição e o desenvolvimento de laços de amizade. E outros depoimentos concordam:

Moça, a senhora não era nascida naquele tempo, por isso não sabe... Não pode imaginar como era gostoso sair do cinema, depois da última sessão, e ir pra casa a pé, batendo papo, ou ficar andando à toa por aí, quando não se estava com sono; a gente sempre acabava encontrando algum amigo, que sempre tinha alguma coisa pra contar, ou a gente contava alguma coisa...<sup>20</sup>

Descrições como esta, de Achille Tartari, que permanece na cidade até a última sessão de cinema, que volta para casa a pé, e que encontra por acaso seus amigos na rua para caminhar um pouco mais, são muito freqüentes nas referências feitas à São Paulo da época. Na verdade, o que o senhor Achille apresenta como um fato não somente corriqueiro, mas de âmbito generalizado, não diz absolutamente respeito à parcela feminina da população. Além disso, o tom extremamente natural da descrição indica o caráter inimaginável que parece ter uma outra realidade, não somente de sociabilidade mista, mas de formas de sociabilidade feminina urbana que possam coexistir com aquelas das quais os homens tomam parte. Um último exemplo ilustra bem este ponto. É o caso das memórias paulistanas de Geraldo Sesso que contrapõe a São Paulo do início do século àquela do momento das recordações e da escrita, em benefício da primeira:

Nas esquinas, onde antes se agrupavam rapazes, preparando-se para as futuras festas e serenatas, em seu lugar, a canto de esquina, encontram-se meninas-mulheres que, quando não assaltam os transeuntes, convidam-nos para fazer amor...<sup>21</sup>

O memorialista traça aqui a passagem de uma vida urbana anterior, ressentida como tranqüila e agradável, para o caos e a violência urbana

<sup>20</sup> Lembranças de Achille Tartari. Maria Rita Eliezer Galvão, *Crônica do Cinema Paulistano*, São Paulo, Ática, 1975, p. 70.

<sup>21</sup> Geraldo Sesso Junior, *Retalhos da velha São Paulo*, São Paulo, OESP/Maltese, 1986, p. 161.



identificados ao seu presente. Porém, para exprimir tal passagem, refere-se, antes de mais nada, aos encontros com os amigos, nas «esquinas», para que, juntos, sigam aos bailes. Ora, devemos nos perguntar, lendo seu depoimento, onde estavam as moças que iriam aos bailes citados, certamente não freqüentados exclusivamente por rapazes. Com certeza passavam mais rápido, sem se atardarem no caminho, nas agradáveis esquinas e calçadas, pontos de encontro masculinos na cidade. A nostalgia de uma ocupação livre desse espaço mascara o caráter sexuado de tal liberdade. Além disso, a imagem que exprime o sentimento negativo de privação desta antiga intimidade com a cidade, é a imagem de uma inversão, de um mundo às avessas, onde as mulheres substituem os rapazes nas esquinas. E, vale à pena insistir, não se trata de quaisquer mulheres, mas daquelas que ali sempre estiveram, já que as outras obedeciam a regras e limites estritos quanto a sua presença no espaço urbano.

Assim, seja nos estádios ou nas calçadas, os laços comunitários urbanos constroem-se entre homens. E, para voltar ao esporte, enquanto meio de desenvolvimento muscular, mas sobretudo enquanto experiência de jogo e de emoção coletiva, trata-se uma forma de construção de identidades coletivas marginal para as mulheres, não somente como atletas, mas também como torcedoras. A mobilização dos corpos femininos passa por outras disciplinas e manifesta-se segundo outras práticas quotidianas.

### Um ritual à parte

O desenvolvimento do comércio, dos lazeres, do conjunto dos equipamentos urbanos, chama cada vez mais as mulheres das elites e das camadas médias a transporem a soleira da porta. Elas saem certamente mais.

Trata-se então – e sobretudo – de organizar tais saídas. Mais visíveis na cidade, as mulheres são investidas de uma nova preocupação: a apresentação física, que prepara-nas para aparecer – e aparecer convenientemente. A palavra de ordem desta nova ingerência é a beleza. Todo signo de feiúra deve ser banido. A entrada das mulheres no campo visual da cidade acompanha-se obrigatoriamente de um trabalho prévio, constante e quotidiano, de uma cultura da beleza.

Nesse movimento, se por um lado a beleza corporal parece realmente constituir um fator de mobilização, no sentido em que a vida urbana, moderna, exige das mulheres esse investimento como condição para poder participar, por outro lado, evidentemente, as mulheres tiram prazer da situação. As iniciativas disciplinadoras concentram-se então – para além da organização e instituição de um trabalho sobre si –, em limitar, disciplinar, canalizar a cultura da beleza para que esta não se torne um fator de desgoverno na repartição de papéis entre homens e mulhe-

res. Essa cultura da beleza implica uma verdadeira economia: expostos aos olhares e às opiniões, os corpos femininos devem sujeitar-se a medidas civilizadoras, a normas bastante rígidas. As atenções que uma mulher dedica a seu próprio corpo devem incorporar um olhar social, exterior, carregado de disciplina. Os transbordamentos de sedução, assim como os modelos divergentes de beleza, são recusados em proveito de uma materialidade corporal controlada. Assiste-se na verdade, ao longo do período, à instituição de um «trabalho da beleza» que necessita de um aprendizado cada vez mais sistemático e metódico.

O caráter inaceitável da feiúra arrasta as mulheres para um investimento sem fim na melhoria e na manutenção de cada detalhe da aparência. A difusão do espelho e da fotografia implica e permite um controle mais agudo da apresentação de si mesma. Todo gesto pouco amestrado torna-se desde então um signo extremamente incômodo.

Quanto às mulheres de elite, uma tal pedagogia da presença pública apresenta um papel suplementar. Mostrando-se, essas mulheres devem assinalar constantemente sua posição social e, distinguindo-se das demais, marcar uma distância intransponível. O leque social mais complexo implica o desenvolvimento de novas estratégias; os mais variados detalhes devem ser acentuados para sinalizar diferenças e evitar misturas. Pois apesar de uma estruturação do espaço da cidade que reserva certos locais e circuitos à freqüentação das elites, a vida urbana implica o compartilhamento de espaços e equipamentos coletivos. Na proximidade física, as distâncias sociais devem ser protegidas por traços de comportamento corporal e por um trabalho sobre a aparência que garanta reconhecimento imediatos quanto ao lugar social de cada um. Enfim, essa economia da beleza age no sentido de regradar as relações homem-mulher no seio mesmo das elites, já que a urbanização se acompanha de uma intensificação da vida mundana.

Temos, é verdade, numerosas iniciativas limitadoras, sobretudo uma ideologia do «natural» que busca restringir o recurso aos «artifícios» da maquiagem. Renato Kehl, um dos porta-vozes do pensamento higienista, defende-os como último recurso para esconder a feiúra:

Só se deve, pois, empregar os cosméticos na impossibilidade de recorrer à terapêutica naturalista, que consiste na vida ao ar livre, no regime alimentar adequado, ou quando com isto não se consegue reparar as injúrias do tempo, das doenças, ou das desordens acidentais supervenientes<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> Renato Kehl, *Formulário da beleza (fórmulas escolhidas)*, Rio de Janeiro/São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1927, «Introdução».

Ainda aqui, reconhecidamente, o pior dos males é a feiúra. As fontes da época contam mais, com efeito, sobre a difusão incessante e repetitiva de técnicas, de equipamentos, de meios os mais diversos para que cada mulher possa melhorar sua aparência, sublinhar suas qualidades físicas, preservar seus traços de juventude, enfim, investir constantemente em si mesma, rosto e corpo. O próprio Renato Kehl acaba revelando a fraqueza dos discursos que se opõem a tal tendência. Na segunda parte de seu *Formulário da beleza*, ele fornece, entre outras coisas, uma enorme lista de receitas, para o fabrico doméstico ou a encomenda em farmácias, de produtos de beleza, especialmente maquiagem, sugerindo toda sorte de cremes, de loções, de produtos para cabelos, de pós brancos, pastas pretas, brancas e vermelhas, etc. Os conselhos de beleza publicados na imprensa feminina, não tão diferentes das receitas de Kehl, autorizam-se a insistir mais sobre os objetivos de sedução de um tal investimento. Eles reconhecem abertamente a importância da coqueteria e do «artifício» para aumentar o capital estético das mulheres. Assim, se uma mulher maquiada demais pode ser confundida com uma prostituta, uma mulher que pode exibir um rosto bem maquiado diferencia-se das demais pelo seu bom gosto e pela ostentação de uma disponibilidade de tempo e dinheiro. Empregada na medida justa, a maquiagem torna-se um signo de distinção e de refinamento.

No que toca aos comportamentos corporais, já existe um esforço perceptível para apreender os detalhes da presença feminina, para definir melhor seus movimentos. O caminhar é, sem dúvida nenhuma, o elemento privilegiado desta pedagogia: saber andar, controlando bem os movimentos e mantendo a postura reta, é o maior signo de elegância de uma mulher. Toda sua atitude corporal pode ser definida – positiva ou negativamente – em relação ao domínio que ela exerce sobre seu corpo ao se locomover. Essa insistência, nos textos da época, em falar da locomoção dos corpos femininos, aparece não somente nos conselhos de beleza da imprensa para mulheres mas também, como já vimos, nas referências ao esporte, à ginástica e à «dança clássica». Uma preocupação comum percorre o conjunto dessa literatura: promovendo o desenvolvimento dos quadris e das pernas, ou a disciplina dos gestos e da postura no caminhar, tais textos procuram regular a presença das mulheres no espaço público. Trata-se de um fenômeno intrinsecamente ligado à nova ordem cidadina.

A polêmica que envolve o comprimento de saias e vestidos é aqui um exemplo eloqüente. Ao compararmos esse elemento do vestuário em fotografias de rua do início e do final da década um encurtamento das barras é evidente. Porém, evidentemente, as dimensões da polêmica existente das páginas da imprensa feminina, sobretudo em títulos católi-

cos, como a *Revista Feminina*, ultrapassa de longe os poucos centímetros dessa mudança. Quanto ao que nos interessa aqui, para além da constatação desta luta de forças travada pela Igreja face à modernização dos costumes, um elemento salta aos olhos nos textos que discutem a questão. Existem artigos que defendem, para a educação apropriada das meninas, o uso de vestidos mais curtos<sup>23</sup>. Isso porque, segundo seus autores, cronistas de moda, vestindo-se assim elas são automaticamente obrigadas a prestar uma atenção muito mais vigilante sobre o próprio andar, a não esquecer da postura, da descrição dos gestos e movimentos, da forma adequada de se sentar, enfim, de todos os elementos que compõem um comportamento corporal «decente». Indo mais longe, tais textos afirmam que o uso de saias longas desde a infância pode acostumar-las a um andar «desleixado», pouco elegante, além de dificultar um olhar mais aprofundado das mães, visando à esta educação feminina do caminhar. Em nome de uma pedagogia da apresentação de si, de uma vigilância sobre o próprio corpo, defende-se mesmo uma transformação que, aparentemente, afronta a moralidade em vigor. Os discursos vencedores são, nesse contexto, aqueles regidos por uma nova lógica, urbana, de percepção física e material da beleza feminina, aqueles que, adotando esta nova pedagogia, trazem ao primeiro plano a freqüentação – recatada – dos espaços públicos, em detrimento de um recato vivido privadamente.

Como no caso do esporte em relação aos homens, a cultura da beleza ultrapassa, em relação às mulheres, esse investimento centrado nas mulheres de elite: ela exerce um papel fundamental na constituição de identidades sociais sexuadas. A mobilização coletiva feminina passa, na nova ordem urbana, por uma adesão generalizada ao trabalho quotidiano sobre a aparência. Não é por acaso que os concursos de beleza aparecem justamente no início da década de vinte<sup>24</sup>. Junto com o cinema, lazer privilegiado da população, os concursos têm um papel fundamental de difusão de modelos de comportamento corporal e de beleza física. Renato Kehl, um dos porta-vozes das iniciativas disciplinares nascentes, defende explicitamente esse papel pedagógico destas olimpíadas da beleza:

<sup>23</sup> Cf. *A Cigarra*, primeira quinzena de outubro de 1921 e primeira quinzena de outubro de 1923, «Crônica de elegâncias», de Annette Guitry.

<sup>24</sup> Os primeiros concursos não prevêm desfiles, prática que não será introduzida antes do final da década. Eles são organizados pela imprensa e os leitores são chamados a votar por suas mulheres preferidas. Listas provisórias são publicadas constantemente, convidando os leitores a participar. As primeiras selecionadas devem, em seguida, enviar suas fotos à publicação. É aí que as cerimônias são organizadas para o julgamento final e a entrega dos prêmios. As candidatas, como podemos ver, são propostas pelos leitores.

Os concursos de beleza, com a exibição honesta de corpos bem modelados, constituem, pois, fatores indispensáveis de educação estética masculina e feminina. É necessário ver e comparar afim de poder fazer juízo do que seja um corpo verdadeiramente perfeito<sup>25</sup>.

Se rostos, sorrisos, olhares, penteados e maquiagem devem aproximar-se o mais possível daqueles exibidos pelas novas *misses*, o andar em público, os gestos, o movimento corporal e o uso dos mecanismos de sedução dentro da justa medida podem ser apreendidos graças aos corpos das stars em movimento na tela. Uma confluência de intervenções e investimentos reúne também esses dois fenômenos simultâneos. As fotos das *misses* e das atrizes do cinema mudo nacional mostram a força mimética dos modelos de beleza difundidos pelo cinema americano. A moda, mas também os olhares, os gestos e as poses coincidem de maneira eloqüente.

Porém, alguns elementos que compõem os modelos difusos ultrapassam a atração exercida pelo cinema e referem-se a características socio-históricas locais. Assim, o elogio da juventude, já mencionado, é foco de um esforço central dentro desse trabalho cotidiano da beleza, esforço voltado para a manutenção e o prolongamento dos traços juvenis de uma mulher. Aqui, saúde e beleza confundem-se: ser jovem identifica-se fortemente, por exemplo, com uma silhueta esbelta, sinal de atividade física adequada e de boa alimentação. Além disso, nas ilustrações e charges da imprensa da época, se a obesidade é envolta numa áurea generalizada de ridículo, de feiúra e de grotesco ela é, também, associada à idade mais avançada. Enquanto isso, a esbeltez caminha de mãos dadas com a juventude.

Além disso, num país que carrega uma História de três séculos de escravidão negra, com uma abolição extremamente tardia (1888), pode-se facilmente imaginar a força, dentre conselhos e modelos de beleza, de cuidados que buscando realçar traços físicos que neguem e se afastem ao máximo de todo e qualquer signo de negritude. Assim, cabelos tingidos, oxigenados, pastas, pomadas e pós brancos ocupam um lugar de destaque nas diversas receitas de produtos divulgadas na época. Isso sem contar posições ambíguas em relação à exposição ao Sol: se o discurso médico quer promover tal prática como sendo saudável, oposta aos excessos de brancura, pouco recomendados, uma enorme resistência permeia tais práticas. Expor-se ao Sol pode lembrar uma proximidade com o trabalho manual, identificado até uma data muito recente, ao labor

<sup>25</sup> Renato Kehl, *op. cit.*, p. 57.

escravo, carregado de extrema negatividade. E isso sobretudo para mulheres das camadas dominantes, de quem se espera, ao contrário, a demonstração de uma disponibilidade em tempo. Isso sem contar que a pureza ainda faz parte de um imaginário sobre a beleza feminina e, evidentemente, pureza e brancura da pele constituem-se num par perfeito.

As representações de personagens negros na imprensa da época são, coincidem, em geral, com a representação das domésticas. Nesta sobreposição, negritude, feiúra, ignorância e mesmo obesidade integram um mesmo conjunto. Do lado oposto, das patroas, vemos delicadeza, refinamento de gestos, esbeltez, juventude e, evidentemente, brancura. Um texto de *A Cigarra* ilustra bem o tratamento dado à questão:

Seja, porém, qual for a voga que tenha em França a voga da tez morena, podemos de antemão garantir que ela nunca será adotada em São Paulo. Aqui, as morenas continuarão a dissimular a sua morenez natural, com o uso das pastas e cremes brancos e a oxigenar os cabelos...<sup>26</sup>

Quanto à reunião harmoniosa da esbeltez, da brancura, da elegância, do refinamento para compor a beleza feminina numa perspectiva extremamente normativa, as narrativas literárias oferecem também seus retratos. A título de exemplo, os romances de Albertina Bertha exprimem perfeitamente esse ideal de beleza ligado à posição social, onde os signos de distinção e a cor da pele fazem parte de um só e mesmo conjunto. Voleta<sup>27</sup> é uma mulher de princípios, de espírito profundo, sem nenhum interesse pelas mundanidades. Sua beleza suscita admiração em todos os lugares por onde ela passa. Sua presença é carregada de sensualidade e de erotismo. Todos os homens que ela conhece apaixonam-se ou reconhecem estar seduzidos por ela. A «Senhorinha Sieg», secretária e discípula do marido de Voleta, um dos líderes políticos da esquerda, opõe-se totalmente a ela quanto à personalidade e às origens sociais. Enquanto Voleta vem da aristocracia, a Senhorinha Sieg, de um meio popular. E seus tipos físicos combinam com tal construção:

Paulo (...) comparava mentalmente os gestos aristocráticos, a beleza patricia de Voleta com a sobriedade máscula e a pele amarelada da Senhorinha Sieg<sup>28</sup>.

<sup>26</sup> *A Cigarra*, primeira quinzena de fevereiro de 1922, «Crônica das elegâncias», de Annette Guitry. Ver também, quanto a isso, as receitas de beleza dadas por Renato Kehl, na segunda parte de seu *Formulário da beleza*.

<sup>27</sup> Albertina Bertha, *Voleta*, Rio de Janeiro, J.R. dos Santos, 1926.

<sup>28</sup> Idem, *ibid.*, p. 56.

A origem social de Voleta confere-lhe os traços de sua beleza moral, mas também física. Essas qualidades não podem existir sem o critério primordial do nascimento. São estes, aliás, os estímulos da identidade social que carrega a Senhorinha Sieg, de «pele amarelada», tornando-lhe inacessível a beleza. E o ápice da beleza de Voleta reside na sua brancura, signo máximo da sua diferença, da sua distância em relação ao vulgar:

A sua silhueta esguia, flexuosa, o seu tipo clássico, de eurtmias estonteantes e a vivacidade álaacre de seus gestos atraíam a atenção, a curiosidade dos passageiros.

Não é brasileira, é por demais branca – ouvia Voleta de passagem, em vários idiomas<sup>29</sup>.

Ladice<sup>30</sup> é a encarnação de um modelo de beleza que lembra a antiguidade grega. No contexto da organização de uma festa beneficente para salvar um orfanato, procura-se uma mulher para dirigir o estande das flores. Os organizadores querem a mais bela e a mais elegante, aquela que corresponda a seu ideal de perfeição. Ladice materializa as expectativas do grupo. O efeito de sua presença é tão impressionante que o texto só dá, inicialmente, descrições fragmentárias, imagens imateriais. Mas o essencial acaba sendo dito:

A Senhora de Assis com sua palidez de magnólia e seu corpo abietino de ânfora grega e a graça de suas atitudes orientais, atraía irresistivelmente os olhares dos homens<sup>31</sup>.

Alguns detalhes confirmam o modelo:

... a mão de Ladice, fina e branca... (...)

... a boca pequena, fechada...<sup>32</sup>

As mãos de Ladice serão tão mais bonitas quanto elas permanecerão afastadas de qualquer relação com o trabalho. E o fato de que sua boca seja pequena – e fechada – é um sinal de feminilidade e de delicadeza. Compreende-se melhor o que isso significa observando-se as representações de rostos de negras mencionadas acima, publicadas por *A Cigarra*,

<sup>29</sup> Idem, *ibid.*, p. 320.

<sup>30</sup> Albertina Bertha, *Exaltação*, Rio de Janeiro, J.R. dos Santos, 1931 (1916).

<sup>31</sup> Idem, *ibid.*, p. 124.

<sup>32</sup> Idem, *ibid.*, pp. 125-126.

onde a boca com lábios espessos não faz nada além de realçar, por contraste, a fineza dos traços de Ladice. Os cabelos são igualmente um signo corporal importante. Evidentemente, os de mulheres como Voleta e Ladice são sempre finos, delicadamente ondulados. As figuras de mulheres negras referidas marcam uma diferença física cheia de conotações.

Solidários entre si, todos esses critérios de beleza, extremamente normativos, são também essencialmente elitistas. A eficácia de sua difusão existe até certo ponto. Pois se os modelos difundidos pelo cinema, pela publicidade nascente e pelos concursos de beleza, novidade da década, encontram uma receptividade positiva evidente, sua implantação esbarra em resistências menos visíveis, mas nem por isso inexistentes.

No caso da esbeltez uma fissura eloquente emerge de todos esses discursos. Aqui, os desenhos e as ilustrações da imprensa nos dão algumas pistas.

Em geral, as ilustrações publicadas pela *Revista Feminina* são copiadas de revistas estrangeiras. O estilo é bem marcado. Nesses desenhos, a silhueta fina e reta é amplamente dominante, acentuando-se mais no final da década. N'A *Cigarra*, muitas charges e ilustrações são realizadas por desenhistas nacionais, às vezes cheios de talento, como é o caso de Belmonte, por exemplo.

A comparação mostra que a silhueta reta, européia, não corresponde completamente ao imaginário local. Certos desenhos representam mulheres com formas menos marcadas, mais retas; outros, bastante numerosos, sublinham muito os contornos arredondados dos corpos. Os vestidos são quase sempre colantes, insistindo nas formas dos quadris e das nádegas. Os seios são geralmente pequenos, pouco sobressalentes. A discussão moral sobre o comprimento das saias, já referida, centra os olhares nas pernas, extremamente visíveis nessas imagens carregadas de sensualidade. Nos desenhos estrangeiros, nenhuma dessas características existe; a representação dos corpos femininos sendo muito diversa.

Alguns textos também fazem referência ao tema. Dois artigos da *Revista Feminina*, por exemplo, defendem uma beleza corporal menos esguia: o primeiro dizendo que os homens gostam das mulheres com formas mais arredondadas e que as mulheres magras devem fazer regimes para engordar; o segundo criticando a silhueta das mulheres francesas, «de corpo liso e reto»<sup>33</sup>.

Renato Kehl defende a posição contrária e louva um modelo de beleza que se refere ora à Escandinávia, ora à Grécia clássica. Em sua

<sup>33</sup> Artigos publicados respectivamente nos exemplares de junho de 1923 e março de 1925 da revista.



argumentação, ele acaba reconhecendo que isto não corresponde completamente às preferências brasileiras:

Para a maioria dos homens, pouco importa a conformação do corpo e sua modelagem desde que o volume e a rotundidade sejam notórias.

(...) quantos homens continuam a apreciar erroneamente as proeminências dos seios e nádegas, as coxas e pernas grossas! Querem 'carnes', mesmo ... de má qualidade, desprezando o tipo esguio e leve das Evas helênicas. É, em geral, no volume dos seios, assim como na amplidão dos quadris, que residem, para eles, os elementos primordiais de atração feminina. A muitos o excesso de gordura dessas partes não constitui defeito, ao contrário, e dizem (...) que 'belas ancas tem aquela mulher', como elogiam as pernas grossas (...). Pendem, pois, mais pelas gordas que pelas magras; preferem as mulheres rochunchudas, *potelées*, desde-nhando as de carnadura seca e firme, cuja solidez plástica garante uma mocidade mais duradoura e sadia, ao contrário daquelas cuja tendência é para o acúmulo de gordura e subsequente deformação do corpo<sup>34</sup>.

Assim, se a obesidade é um símbolo privilegiado de feiúra e de falta de charme femininos, se as mulheres desejáveis são antes esbeltas e jovens, isto não implica porém que o modelo de silhueta reta defendido pelos higienistas seja representativo. A sensualidade provocada pelas curvas, especialmente dos quadris e das nádegas, parece resistir ao modelo enunciado por Kehl.

De um modo ou de outro, para o que nos interessa aqui, o investimento na beleza física feminina é tão representativo do período quanto a paixão masculina pelo esporte. Ambos constituem-se em vetores privilegiados para a construção de identidades coletivas sexuadas e especificamente urbanas. Porém, não se trata de campos simétricos, pois a implicação destas formas identitárias na vida urbana é essencialmente desigual. A visibilidade feminina no espaço urbano, agora mais freqüente, passa obrigatoriamente por um processo de forte mediação e ritualização.

Nesse sentido, as novas identidades coletivas obrigam certamente antigas fronteiras entre homens e mulheres a se deslocarem, em benefício de uma entrada irrevogável das mulheres na praça pública. Entretanto, permanecendo sempre sexuadas, elas re-instituem desigualdades profundas, lidas aqui nas modalidades da convivência física instaurada.

<sup>34</sup> Renato Kehl, op. cit., pp. 17 e 56-57.

**Mônica Raisa Schpun** Doutora em História, Université Paris VII (1994). Pós-doutorada, Universidade de Milão. Investigadora da Fapesp, reside atualmente em Paris. Docente, Universidade de Milão, 1997-2002; Docente convidada, Université Paris VII, 2001-2002. Autora de: *Les Années folles à São Paulo: hommes et femmes au temps de l'explosion urbaine (1920-1929)*, Paris, l'Harmattan/ IHEAL, 1997. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos vinte*, São Paulo, SENAC/Boitempo, 1999; Tradução italiana em curso: Turim, Il Segnalibro.